

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180100>

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ**  
**“ARTE, CORPO E DISCURSO: O POLÍTICO**  
**E O POÉTICO NO MOVIMENTO DOS SENTIDOS”**  
**PRESENTATION OF THE DOSSIER**  
**“ART, BODY, AND DISCOURSE: THE POLITICAL**  
**AND THE POETIC IN THE MOVEMENT OF THE SENSES”**

**Nadia Neckel**  
**Luciana Vinhas**  
**Luciene Jung de Campos**  
**Suzy Lagazzi**

A proposta do dossiê “Arte, corpo e discurso: o político e o poético no movimento dos sentidos” contempla pesquisas que buscam pensar a relação entre corpo e arte pela perspectiva discursiva. Como arte e corpo podem ser tomados como espaços de observação do sujeito e do social, abertos à interpretação no interjogo entre memória e atualidade? Ao tatearmos possíveis formulações para tal visada teórico-analítica, temos o Real como estruturante dessa relação, na forma como nos confronta com a incompletude, o alhures, a contradição, e nos demanda o movimento dos sentidos.

No atravessamento de uma erótica e de uma ética, os trabalhos aqui acolhidos analisam materialidades artísticas (pintura, escultura, fotografia, cinema, dança, literatura, poesia, música, etc.) e, também, problematizam o corpo enquanto materialidade discursiva, considerando sua diversidade e complexidade, buscando compreender os funcionamentos do político e do poético como pontos de tensão que tocam o Real, sendo, portanto, a arte e o corpo compreendidos como espaços de (re)existência de sujeitos e sentidos. Poderíamos associá-los a uma erótica (Porge, 2019) - uma ética em jogo na erótica que também se constitui como uma prática da teoria associando corpo, amor, desejo e um Real que insiste na arte. Os estudos aqui publicados vão na tentativa de encorajar eventuais achados, não para dizer “mais que”, na ilusão de que “eu digo aquilo que um outro pode pensar, na medida em que aquilo que eu digo não está fora do campo daquilo que estou determinado a dizer” (Pêcheux, [1975]1995, p.173), pois sabemos que aquilo que dizemos já foi dito antes e em outro lugar. Por isso, apostamos na potência de um “depois” que a Análise do Discurso e a Arte, através do corpo, podem produzir em termos de deslocamento e mobilização de sentidos em diferentes percursos, desdobrando conceitos para avançar em indagações nos trabalhos que seguem.

É nessa toada que os trabalhos con-versam, nos entremeios das proposições, nos entre-olhares do mundo circundante e, na busca de uma estética, dividimos este dossiê em duas seções: A seção Erótica e a seção Erética.

## A SEÇÃO ERÓTICA

Falar em corpo pressupõe falar de uma erótica, como nos advertiu Freud ([1905] 1996a), pois o corpo é a fonte de toda pulsão, energia própria da libido. A pulsão, em razão de sua dependência do corpo, impõe um trabalho constante ao aparelho psíquico. Exigência de trabalho ligada à busca de satisfação libidinal (Freud, 1915). Bataille (2020), assinala uma vivência do limite e da descontinuidade - de uma constante nostalgia da continuidade perdida que se dá através do corpo. O corpo se transforma, envelhece e morre: somos seres descontínuos que deslizam sobre uma sexualidade envergonhada e sempre interdita. A erótica se dá num jogo entre a transgressão e o interdito, entre a angústia e o fascínio que a arte consegue muito bem apresentar. A arte propõe a vertigem frente ao abismo - a experiência limite de se experimentar a morte, estando-se vivo.

Na toada de corpos, desejo e projeção, o artigo “A Materialidade Fílmico-Significante em *Her*: na (Des)Corporeidade dos Sentidos”, de Ana Cláudia de Moraes-Sales e Olimpia Maluf-Souza, apresenta, por meio da análise discursiva do audiovisual, os efeitos de sentido produzidos na relação homem-tecnologia no jogo corporeidade - (des) corporeidade pautando, assim, os desejos humanos por suas máquinas.

Já o artigo “Subjetivação, Resistência e Corpo: Uma Análise em *Quebrada Queer*”, de André Luís Tose Gomes e Élcio Aloisio Fragoso, nos apresenta uma leitura a respeito dos corpos LGBTQIAP+ . Inscrito teórica e politicamente em uma perspectiva Queer, toma o corpo como materialidade discursiva, apresentando como corpus analítico um videoclipe do primeiro grupo de RAP brasileiro LGBTQIAP+ como “um novo lugar de significação”.

Ainda no tocante às questões de gênero, o artigo “Corpos-Mulheres, Corpos-Femininos: Resistência e Confronto em Memes”, de Marcia Ione Surdi e Dantielli Assumpção Garcia, inscrito na perspectiva teórica da análise materialista do discurso, volta-se a um gesto de leitura de seis memes publicados no Instagram Mona Ácida. Confrontando discursos normatizadores e regulares dos corpos femininos, o artigo aponta para os deslocamentos e significação entre o ícone Mona Lisa do Louvre e o ciberespaço, mostrando, nesse movimento “aquilo que desregula, desestabiliza e agita as filiações de sentidos” na relação entre corpos e memes.

Ainda no campo das linguagens artísticas, “*Grand Jeté*: O Corpo como forma de subjetivação em controvérsia que (Re)existe na linguagem da arte na dança”, de Ana Paula Picagevicz, Karla Daniel Martins de Souza e Dantielli Assumpção Garcia, circunda, entre o imaginário social e a memória, os modos de regulação que vão naturalizando sentidos do corpo magro dançante impondo certos padrões estéticos corporais. Tomando postagens no Instagram de uma bailarina gorda, busca mostrar as rupturas dos modos de regulação vigentes aos corpos dançantes, compreendendo tais postagens enquanto espaços de resistência.

Ainda no território do ciberespaço e das questões de gênero, temos o artigo “Mulher, faça o que for necessário para sobreviver”: Lily e(m) interdições no Instagram”, de Amanda da Silva Duarte e Elaine de Moraes Santos, que tece um gesto de compreensão dos efeitos de sentido em uma postagem do perfil *julianalossioart* em 2020, a respeito das “dizibilidades” de/sobre a resistência feminina frente às violências de interdição de produções artísticas no social.

Saindo do espaço controverso - e aqui pensamos na formulação de Gallo e Silveira (2017, p. 180) a respeito dos “espaços enunciativos informatizados”, quando estabelecem as diferenças constitutivas entre contradição e controvérsia - que se adensa na virtualidade, e voltando às produções artísticas, fechamos a Seção Erótica com duas análises da materialidade fílmica. A primeira delas, no texto “Continuidades e rupturas: uma análise discursiva da figura da princesa no filme Valente”, de Carlos Eduardo Barbosa e Evandra Grigoletto, toma uma narrativa do cinema infantil da Disney e, na onda do (des)princesamento, que relega ao corpo-mulher uma posição passiva e frágil, tece um gesto analítico que questiona o lugar social de princesa a partir de um lugar discursivo feminista que busca produzir rachaduras no social.

Na esteira das rachaduras do social, finalizamos a seção com as “Rasgadas da Imagem Corpo-Sujeito Paradoxal E-feito Angústia Discursivizado em *Peles*”, de Renata Marcelle Lara, que, ao mobilizar a “intrincação material entre Análise de Discurso pecheutiana, Psicanálise lacaniana e Estudos da Imagem hubermianos”, analisa o corpo-sujeito no filme *Peles* (2017) interrogando-se sobre as contradições do social por meio do dispositivo discursivo “o artístico como rasgadura da imagem”.

## A SEÇÃO ERÉTICA

Ao colocar algo de si, primeiramente o corpo num ato de escrita, o sujeito se coloca numa posição de operador de uma prática dividida, entre ser aquele que produz e aquele que analisa. Essa reterorização está associada ao desejo de transformação política ao produzir outras interpretações para aquilo que é tido como cotidiano e inevitável, na tentativa de descongelar uma cena. No entremeio dos sentidos, o analista do discurso insiste no assinalamento de que há um Real do sujeito, um Real da história e um Real da língua(gem). Estamos no foro de uma ética e de uma erótica - uma erética (Porge, 2019). Entendemos a ética como uma prática constitutiva da teoria materialista, em que o pesquisador toma posição na luta de classes, deixando claro “os efeitos de identificação assumidos e não negados” (Pêcheux, [1981] 2015, p.56) . As questões de classe só podem funcionar em tríade com gênero e raça, colocando o sujeito para trabalhar na história e nos movimentos do coletivo. Um coletivo de materialidades discursivas que segue o trajeto do poético e do político .

No artigo “Fotografias que narram histórias: o projeto fotográfico *diecisiete*, de Eduardo Rawdríguez”, Antonio Carlos Batista da Silva Neto e Wanderlan Alves analisam os procedimentos estéticos e os transbordamentos entre o literário e o fotográfico na série fotográfica cubana *Diecisiete* (2009-2010). A série, produzida por Eduardo Rawdriguez, provoca uma reflexão sobre sexualidades e corpos na produção artística, o que é feito com base na abordagem de Judith Butler.

“Autorretratos: como lugar do visível e do invisível” volta-se aos processos de individualização e identificação pelas artes do sujeito superdotado no universo escolar. Fabíola Baquero e Mariza Vieira da Silva analisam produções de autorretratos que mobilizam a luta e a resistência em uma perspectiva periférica frente a uma formação social capitalista de um país colonizado.

Em “Duetos Libras-Português e as múltiplas linguagens: construção de sentidos de seus possíveis interlocutores”, a discussão trazida pelas autoras Neiva de Aquino Albres, Marilyn Mafra Klamt, Rachel Louise Sutton-Spence, em uma perspectiva bakhtiniana, apresenta a relação literatura e língua de sinais, explorando analiticamente o encontro bilíngue no território da poesia por meio da materialidade visuo-gestual.

Tomando como palco-picadeiro as ruas, o artigo “Um corpo-*palhaça* que luta - arte, gênero e protesto” nos provoca a pensar sobre a democracia conturbada na recente história de nosso país. Rômulo Santana Osthues e Laís Virgínia Alves Medeiros, em seu gesto de descrição/interpretação, recortam fotografias que, em suas regularidades verbo-visuais, trazem o enunciado “Lute como uma palhaça”, questionando como os elementos compositivos produzem efeitos deslizantes entre a arte e o protesto.

No artigo “Contradições entre o artístico e o jurídico-político: discurso e racialidade no corpo tatuado”, Luciana Iost Vinhas e Jael Sânera Sigales Gonçalves analisam o funcionamento discursivo da imagem de um menino negro que foi tatuada no corpo de uma pessoa branca, em meio à repercussão midiática resultante da denúncia da família da criança pela falta de autorização para o uso da imagem. A análise é feita na tensão entre corpo, arte e racialidade, o que engendra um debate sobre as relações de sobredeterminação atravessadas pelo funcionamento do jurídico.

Heron Ferreira da Silva e Maraisa Lopes, no estudo intitulado “*Slam* de poesia em Libras: dos efeitos de sentidos produzidos pelo corpo poético surdo”, provocam uma reflexão sobre a produção poética surda pela perspectiva da Análise de Discurso Materialista, analisando uma apresentação poética em Libras ocorrida em espaço de competição da modalidade *Slam* gravada em vídeo. O artigo faz ver como a produção poética em Libras pode colocar em circulação, pela determinação do corpo poético, o atravessamento de memórias referidas à espacialidade e à sociabilidade.

O artigo “Poesia e imagem em ‘Quando é silêncio’”, de autoria de Thomas Falconi, André Moraes Souza e Juliana da Silveira, apresenta uma análise do processo artístico de Angela Moraes Souza, artista que produz uma passagem material da fotografia à pintura. O deslocamento de sentidos nessa passagem é analisado pela relação com o processo metafórico.

\*\*\*

Esperamos que a experiência do leitor com este dossiê seja a de um movimento de rotação, um certo turbilhonamento que implique em uma dose de êxtase e suspensão que acompanha o trajeto de um sentido, de certo modo estranho ao já-dado pela evidência, revelando nova intimidade, deflagrando outros efeitos, aproximando insuspeitados limiares.

Desejamos a todes uma boa leitura e agradecemos aos autores, que participam deste Dossiê, por colocarem o corpo.

Suzy, Nadia, Luciene e Luciana

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. *O erotismo*. Trad. e organização de Fernando Scheibe. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2020.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996a/1905.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996b/1915.
- GALLO, S.; SILVEIRA, J. Forma-discurso de oralidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, G; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; PFEIFFER, C.; ZOPPI-FONTANA (orgs.). *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*. v. 3, 2017, p. 171-194.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* [1975]. Trad de Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed.da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2015/1981.
- PORGE, E. *A sublimação, uma erótica para a psicanálise*. Trad de Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Aller, 2019.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.